

lante que dava para o pátio inteiro do quartel. A porta era alta e pesada. No seu interior, pintado de cinza e de ladrilhos no chão, encontrava-se somente uma cama de ferro, com colchão e travesseiro de capim; uma pequena mesa, e mais nada. Nem cadeira tinha. Do lado direito, junto à mesa, uma pequena pia, e, nos fundos, sem porta, abrindo-se diretamente para a grande porta do quarto, um vaso sanitário e um chuveiro de água fria. Desprovido de espelho e de papel higiênico, pensei que me ia demorar por pouco tempo.

Às 13 horas apareceu um tenente, oficial de dia. Disse-lhe quem era e lhe exibi o avulso do Ministério do Trabalho, contendo os pareceres e as resoluções da Comissão Permanente de Direito Social, aprovados pelo Ministro Jarbas Passarinho e pelo Presidente da República, para a Conferência Internacional do Trabalho, que se estava realizando em Genebra. Mostrei-lhe outros documentos, de que dispunha no momento: Ordem do Mérito do Trabalho e do Mérito Especial, respectivamente, concedidos pelos Presidentes Castelo Branco e Costa e Silva, além da Ordem do Mérito da Magistratura, de dezembro de 1967. Ouviu, acenou com a cabeça e afastou-se.

Como o almôço demorasse a ser servido, bati na porta sem resultado. Tive de apelar para o basculante, subindo no vaso e ficando na ponta dos pés, a fim de chamar um soldado. Afinal, às 14 horas, ou pouco mais, o almôço foi servido no próprio quarto, trazido por um soldado. Somente o oficial de dia poderia abrir o cadeado que trancava a porta. Pediu-me desculpas, informando que era dia de aniversário do Batalhão, daí o atraso e a algazarra que eu ouvia no pátio, algazarra esta que se prolongou por toda a tarde.

Às 17 horas o tenente abriu a porta e me fez entrega de uma pasta, de minha propriedade, com objetos de higiene e alguma roupa de uso. Não fôsse a toalha de rosto, que a minha mulher ali havia incluído, não sei como iria arranjar-me, pois nenhuma toalha recebi, nem de rosto nem de banho.

Incommunicável, sem saber a razão da minha prisão (o oficial me havia declarado que eu me achava unicamente detido, e não prêso), permaneci vestido, com terno e gravata, até às 21 horas. Ninguém me procurou, ninguém me revistou, ninguém me pediu depoimento. Já eram 18 horas quando o tenente mandou um soldado colocar frocha no travesseiro e um lençol na cama, fornecendo-me uma pequena colcha de fustão.

No dia seguinte, sábado, 14, levantei-me com a alvorada às 6 horas (sábado e domingo, é mais tarde o toque de alvorada). Não tinha espelho para me barbear, mas por sorte encontrei uns pedaços de espelho partido em cima do muro do basculante, que guardei até hoje. Com o maior déles na mão esquerda, fiz a barba com a outra

nho. Tomei banho frio, enxugando-me na toalha de rosto, a principio, terminando com a colcha. Vesti-me ainda neste segundo dia de prisão com a calça do terno e camisa social, esperando ser chamado a qual-quer momento.

Inteiramente incommunicavel, ignorando o motivo da minha detenção, conheci novo official de dia, ao qual relatei as mesmas coi-sas referidas ao anterior. Passou-se o sábado, e ninguém me deu sa-tisficação nem me ouviu. Por três vezes o official abria a porta: café, almoço e jantar, sendo que a Louça usada somente era retizada na re-feição seguinte, dormindo a do jantar no próprio quarto, e que me levava a embocar um prato sob e outro, collocando-os no boxe do chu-veiro.

Domingo pela manhã, appareceu o official de dia com um em-brulho levado pela minha mulher, juntamente com a minha filha (que se deslocara de Brasília, com seu marido, ambos professores na Uni-versidade). Do embrulho constava um rádio transistor, roupas e frutas. Solicitei, então, do official que a minha mulher comprasse os jornais e remédios para mim, pois me encontrava terrivelmente resfriado, ten-do, inclusive, passado mal durante a noite. É preciso que se diga que no quarto não entra nem uma nesga de sol e o chão é ladrilho, co-mo referido atrás.

Com a mesma rotina, chega a 2a.-feira, sendo justo lem-brar, no entanto, que o official de dia de domingo mandou collocar uma pequena cadeira de fórmica no quarto. Na 2a.-feira, às 17 horas, a porta do quarto foi aberta, apparecendo o major. Eu ia ter um colo-ra no quarto. Fiz-lhe ver que o cômodo era pequeno demais, além de haver quebrado a comunicabilidade. Refletiu e major e me transferiu para o quarto da frente do quartel, bem mais amplo, com cinco camas, duas privadas, dois chuveiros (sendo um deles com aquecedor elétri-co, velho, mas que aquecia a água, pelo menos até o estado de mor-na) e um espelho encimando a pia. Com duas janelas, ambas revestidas de grades, dava esse quarto para a rua Pedro II, defronte do gasôme-tro. Também dá ladrilho, tudo nêlo era encardido pela fuligem perma-nente que se desprende do gasômetro. O barulho era infernal, pois a rua, perto da Rodoviária, da Av. Brasil e do Mangue, é a via natu-ral de acesso para São Cristóvão aos veiculos de toda ordem, notada-mente, ônibus e caminhões.

O novo companheiro de prisão era um estudante de Medici-na, da UFRJ. No dia seguinte veio juntarse a nós um outro estudan-te, este de Direito, da USP. Incommunicavel, com visitas diárias da minha mulher, em companhia de minha filha e minha irmã, delas só ti-nha notícias pela roupa que recebia, os jornais e as frutas. Tendo a minha mulher levado uns documentos, que poderiam servir de defesa -- a favor de uma negativa indefinida... --, somente os recebi no dia seguinte. Entregues no dia 18, de manhã, fui recebê-los às 15

horas do dia 19.

Sem saber o motivo da minha detenção, permaneci sete dias no Batalhão de Guardas, sem ser revistado, sem sair do quarto, lá fazendo as refeições e as necessidades, e sem ser inquirido. Durante quatro dias fui mantido em prisão celular, isolado, só, trancado por fora. Nos três dias restantes, ainda incommunicável, via a rua e tinha a companhia de dois estudantes, sendo que um deles preso na manhã de 2a.-feira, 16, ao passo que o outro, removido da Polícia Civil, se encontrava detido desde 12 de março.

O tratamento era normal, com alimentação aparentemente de oficial. Em momento algum houve meus tratos nem desconsideração, apesar da rigidez da incommunicabilidade e da seqüência do convívio. Durante a detenção, como não tinha papel, iniciei um Diário nos espaços em branco de uma revista. Esgotada a tinta, pedi a um dos oficiais de dia um lapis ou uma caneta emprestados. Qual não foi minha surpresa, quando elle me apresentou com a sua esferográfica, tirando-a do bolso do seu dolman (pois era de seu uso) e me passando às mãos.

Assim como fui preso, fui solto. As 19 horas do dia 19, 5a.-feira, o tenente abriu a porta, logo depois do jantar, e comunicou que um dos estudantes e eu estávamos livres, nada mais. Não fui revistado nem ouvido; simplesmente preso, mantido em detenção incommunicável e solto depois, segundo um plano rígido, rigorosamente obedecido.